

CEDI - P. I. B.  
DATA 27/08/93  
COD. G. K. D. 00016

## Suicídios Guarani

Em um copo derreteu algumas colheradas de veneno para ratos, depois tomou tudo de um só gole. Cleia Isnarde morreu após doze horas de agonia, na manhã de 20 de outubro. Tinha 14 anos, era uma índia kaiowa. O mesmo povo de Siminiano da Silva, 24 anos, que se enforcou a 10 de setembro, Mauricio Ajala, 26 anos, que teve o mesmo fim a 29 de julho e de dezenas de outros índios que nos últimos anos optaram pela morte. De janeiro de 1987 a outubro de 1991, a Fundação Nacional do Índio (Funai) registrou 69 suicídios entre os 24mil kaiowa que vivem no Mato Grosso do Sul, estado brasileiro que faz fronteira com o Paraguai. É uma porcentagem de suicídios 25 vezes superior à registrada no resto do país: como se mais de cem mil brasileiros por ano decidissem pela morte.

Nos quase cinco séculos transcorridos desde a "descoberta" das Américas, dezenas de milhões de índios foram exterminados pelas doenças e pelas balas da "civilização" dos brancos. Calcula-se que apenas na região que posteriormente seria chamada Brasil viviam entre cinco e sete milhões de índios: hoje não superam os 250 mil. Mas na sanguinolenta história do genocídio das populações originárias da América Latina, o dos Kaiowa é o primeiro caso de suicídio em massa de que se tenha notícia. "Para os kaiowa a escolha da morte nunca é repentina - explica o antropólogo Rubem Thomaz Almeida, que há quase 20 anos estuda estes índios - Demonstra-o a própria dinâmica dos suicídios. Para enforcar-se os kaiowa escolhem quase sempre árvores baixas: não morrem suspensos no vazio e sim ajoelhados, agarrando-se em algo e fazendo força com os braços até sufocar. Se mudassem de idéia, bastaria ficar em pé. Morrem porque já decidiram morrer".

As primeiras assinalações de suicídios entre os kaiowa remontam a 1976, mas somente na metade da década de 80 os antropólogos iniciaram a perceber que estavam diante de um problema social de todo um povo. Durante anos porém, este fato ficou restrito apenas à preocupação de uns poucos profissionais da área. A mídia "descobriu" a notícia no final de 1990; somente a partir daí as autoridades brasileiras começaram realmente a estudar o problema. "Os kaiowa estão lançando um apelo - diz agora Maria Aparecida da Costa Pereira, uma psicóloga da Funai que chegou de Brasília para tentar fazer algo a respeito - os suicídios gritam a falta de perspectivas, a falta de futuro". Quanto ao presente, este é feito de pouca terra para cultivar, de trabalho duro e mal remunerado nas refinarias, de artesanato de qualidade inferior vendido nas estações rodoviárias, de miséria, alcoolismo e desespero.

Os kaiowa são um dos três principais grupos em que se dividem os guarani, um dos mais numerosos povos indígenas da América Latina, presente no Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai. Hábeis agricultores, os guarani, de uma cultura e de uma religiosidade tão complexas e desenvolvidas a ponto de terem resistido quase incólumes a séculos de contatos com os brancos, a começar pelos missionários jesuítas do século

XVI e XVII (lembra-se do filme *A Missão*?). Mas suas terras não resistiram ao avanço da "civilização".

Em português, Mato Grosso significa "floresta densa" e em guarani *ka'a yogua* (de onde provém o nome *kaiowa*) significa "habitante da floresta alta". Mas as florestas, que até há trinta anos cobriam quase completamente todo o estado, são agora somente uma lembrança. A não ser pela ainda incontaminada reserva natural do Pantanal, ao norte, o Mato Grosso do Sul é hoje uma única e vasta extensão de plantações de soja e de pastagens para milhões de bovinos destinados aos matadouros de meio Brasil. Onde durante séculos os *kaiowa* viveram, cultivaram o solo e enterraram seus mortos, alastram-se agora as fazendas dos grandes latifundiários.

Os velhos índios contam essa história com voz triste e indignada. "Nasci numa região que os brancos chamam Jaguapiré, onde vivi durante 61 anos, como meu pai e meu avô antes de mim - diz Janorio Jimenez, com o ar cansado de quem já repetiu demais as mesmas palavras - há oito anos chegou um fazendeiro, protegido por mais de cem policiais. Incendiaram nossas casas, depois passaram os tratores para destruir tudo e nos levaram embora. Naquela época a Funai não nos ajudou, agora nos diz que devemos esperar, que tudo vai se resolver. Mas não acontece nada. Nossa terra era boa, podíamos plantar milho, mandioca, feijões, batatas. Queremos voltar para Jaguapiré, quero poder morrer ali. Aqui semeia-se mas não se colhe, não há espaço, não se pode viver". "Aqui" é a reserva indígena de Jakarey, onde Janorio e seu grupo - 220 pessoas - foram acomodados na espera do dia, se é que este dia chegará, em que um tribunal de brancos lhes reconhecerá o direito de voltar à terra que ocupavam há gerações, antes de serem expulsos. Mas em Jakarey, uma área de 1600 hectares já quase sem vegetação alguma (durante anos a Funai intermediou a venda de madeira da reserva), vivem outros 1300 *kaiowa*. A terra é pouca, a convivência frequentemente não é fácil.

Luciano Valiente foi um líder respeitado em sua comunidade, hoje é um velho destruído pela dor, a quem somente o desejo de justiça e de vingança parecem manter vivo. Seu filho Silvano e sua neta suicidaram-se no ano passado, e outros dois filhos seus tentaram se enforcar e foram salvos na última hora. Com poucas semanas de distância suicidaram-se também uma outra moça e um dos idosos do grupo. Diante de sua cabana, Luciano mostra seu arco, marcado com linhas de sangue; entoa uma reza (oração) contra o latifundiário que expulsou sua gente. "Não queremos nos tornar brancos, nem bois - sussurra com a voz embargada pelo pranto - se o fazendeiro não deixar nossa terra, voltaremos para lá e queimaremos tudo. É melhor morrer do que continuar deste jeito". Luciano não sabe explicar os suicídios entre os *kaiowa*, mas o pajé da comunidade tem poucas dúvidas. "Os brancos - diz - os brancos nos tiram a terra e nos trazem o seu deus, sua língua, sua comida, sua música, sua cachaça (uma fortíssima aguardente de cana, n.d.r.). Nós temos nossa

religião e nossos costumes, mas muitos querem dançar como os brancos, viver como os brancos. Quando se tornam metade kaiowa e metade brancos, arrependem-se: gostariam de voltar a ser índios e não conseguem. Então decidem morrer". Atanaio Teixeira é um dos poucos *Teko-ha-ruvisha*, os pajés mais potentes e respeitados. Sabe português, mas com os brancos fala somente em guarani. Um jovem traduz: "Aqui as coisas vão mal, mas em Dourados é muito pior".

Dourados, uma das capitais brasileiras da soja, uma cidade de quase 200mil habitantes, onde aos sábados à noite os fazendeiros ostentam Mercedes e camionetes pick-up num vaivém pelas duas ruas do centro, repletas de bares e restaurantes. Ao redor, crianças maltrapilhas pedem esmolas, comem algo e adormecem pelas calçadas. Um índio aproxima-se para vender um arco. Pede 8000 Cruzeiros por ele, 15 dólares, mas é um trabalho mal feito, para turistas. Sabe disso e abaixa seu olhar: "Minha filha morreu, tenho que enterrá-la e não sei como - desculpa-se - Vim a pé desde a reserva, Nem mesmo tinha dinheiro para tomar onibus". A reserva, a 10km da cidade, é uma das maiores e mais antigas do Mato Grosso. Ali se concentra o maior número de suicídios: 37 em quase quatro anos, dos quais 11 nos primeiros dez meses de 1991.

Ao todo são 3539 hectares, demarcados em 1917 pelo então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o predecessor da Funai, quando Dourados era apenas um minúsculo povoado. Ali viviam tradicionalmente kaiowa e nandeva, outro grupo de guarani. Durante a década de trinta, o SPI transferiu para lá algumas centenas de terena, um povo índio considerado "civilizado" - ou seja, mais integrado à cultura dos brancos - e que deveria ensinar novas técnicas agrícolas aos guarani. Mas entre os dois povos nunca houve uma boa relação, e com o passar dos anos os "civilizados" terena tomaram posse de boa parte da terra dos kaiowa e dos nandeva, que precisaram se transformar em meeiros.

A expulsão dos índios das próprias terras intensificou-se a partir dos anos sessenta, quando começou o desmatamento em todo o Mato Grosso para abrir espaço às fazendas. Naqueles anos, a tarefa da Funai era acima de tudo a de impedir que os índios atrapalhassem os ambiciosos projetos de "colonização" e de "desenvolvimento" elaborados pelos governos militares, cujos desastrosos resultados, especialmente na Amazônia, estão hoje bem à vista de todos. Os índios deveriam ser "civilizados", ficando agrupados em aldeias próximas às cidades, onde a influência dos brancos fazia-se mais forte. Quando um fazendeiro invadia a terra de um grupo de kaiowa, a Funai simplesmente deslocava os índios para uma das poucas reservas já demarcadas, entre as quais Dourados. "É um comportamento que perdurou até o fim dos anos 70, quando nós e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da igreja católica, começamos a denunciar a situação e a pressionar a Funai no sentido de recorrer à justiça para recuperar a terra dos índios", conta Celso Aoki, antropólogo que coordena o Projeto Kaiowa-Nandeva (PKN), uma entidade

particular que opera na região desde 1976, graças aos financiamentos de duas organizações não governamentais (ONG), uma alemã e outra holandesa. Também devido às pressões do FKN e do CIMI, a Funai até o momento demarcou 16 reservas para os kaiowa, ao todo 25mil hectares, e outras quatro áreas estão em lista de espera.

Hoje, na reserva de Dourados vivem cerca de 8000 kaiowa e mais 2000 entre nandeva e terena. Cada índio dispõe, em média, de um terço de hectare, quando mesmo a Funai admite que os kaiowa necessitam de um "espaço vital" não inferior a quatro hectares e meio per capita. Sua terra está assediada pelas fazendas, cortada ao meio por uma estrada asfaltada de intenso trânsito, onde carros e caminhões atropelam a cada ano dezenas de índios. O espetáculo é desolador. Algumas cabanas, tetos de palha, paredes de bambu seco ao sol, são como ilhas, completamente cercadas por campos arados pelos tratores, a terra escura pronta para a sementeira. Os bosques que cobriam grande parte da reserva foram derrubados para vender a madeira, os rios estão poluídos pelas fábricas das cidades. Os índios não podem mais caçar, pescar, beber, proteger-se do sol impietoso que parece cozer a terra. Para poder sustentar as próprias famílias, centenas de kaiowa vem-se obrigados a trabalhar como boias frias nas refinarias de álcool da região, frequentemente a centenas de quilômetros da reserva. E a *changa*: a cada dia doze horas de trabalho pesado, cortando com o *machete* as plantações de cana de açúcar, comendo somente um punhado de arroz e feijão, dormindo em barracões cobertos por plástico preto, que o sol transforma em verdadeiros fornos. Três meses de trabalho rendem apenas poucas dezenas de dólares, mas não se se deve protestar: sob pena do *cabeçante*, o *capataz*, na próxima vez, escolher alguém mais para o trabalho.

Teoricamente, sem a autorização da Funai os índios não poderiam trabalhar para os brancos e de forma alguma poderiam comprar bebidas alcoólicas. O maior dos três bares "clandestinos" da reserva de Dourados fica à beira da estrada de asfalto, a poucas centenas de metros da casa de tijolos do chefe em posto da Funai. A uma das mesas, os *cabeçantes* de algumas refinarias controlam novamente as contas antes de pagarem os índios. Alguns terenas jogam bilhar, bebendo cerveja e cachaça. O proprietário do bar é um branco, idoso, com um bigodão branco de *macho* e um chapéu de cowboy. Quando vê a máquina fotográfica, aproxima-se com uma expressão dura. Poucas palavras: "Aqui não gostamos de jornalistas. Se não querem encrenca, vão embora". Depois volta ao balcão, mostrando a coronha do 38 enfiada no cinto. Na Funai admitem que entre os kaiowa o alcoolismo é um problema cada vez mais grave, que os índios agora só bebem cachaça, que quase mais ninguém prepara a *chicha*, o tradicional e de baixo teor alcoólico licor de milho fermentado. "Para fechar os bares clandestinos pedimos a intervenção da Polícia Federal - diz o superintendente da Funai na região, Helio de Paula - Eles não fazem muito, nós somos impotentes".



"A cachaça é o mal, a culpa de tudo - enfervora-se Luciano Arevalo, pastor da igreja pentecostal "Deus é amor" - os índios bebem, brigam, e depois se matam. Os fiéis de minha igreja não bebem, e nenhum deles se suicidou". Fala com a ênfase e o entusiasmo de quem se sente investido de uma missão: "Eu também - diz - quanto era jovem bebia, ia dançar, batia em minha mulher. Depois encontrei deus, e tudo mudou". Dentro da pequena igreja de madeira, iluminada por lâmpadas de gás, um velho amplificador de pilhas retransmite os "aleluia" repetidos ao infinito por cerca de trinta índios kaiowa e terena. O rito dura mais de duas horas, o ritmo das rezas cresce, de vez em quando alguém grita "Jesus, Jesus", muitos parecem em transe. Ao final, um ajudante do pastor passa entre os índios com uma bíblia na mão, recolhendo o *dízimo*, a contribuição de 10% sobre a renda que todos os fiéis comprometem-se a doar mensalmente para a igreja. Este já é um espetáculo normal em todas as periferias das cidades brasileiras, onde as seitas pentecostais subtraem a cada ano centenas de milhares de fiéis à igreja católica, e que no entanto, dentro de uma reserva indígena, nos parece realmente gritante. Mas mesmo o pastor, com seu paletó apertado e a cravata mal atada, é um índio guarani. Na reserva, além da "Deus é amor", há outras quatro igrejas pentecostais e a grande "Missão Kaiowa", fundada por presbiterianos alemães em 1928 e que desde então gere um hospital para os índios. Após décadas de evangelização selvagem, somente há poucos meses a Funai finalmente proibiu a construção de novas igrejas nas áreas indígenas do Mato Grosso do Sul.

"Na verdade os kaiowa nunca se convertem realmente à religião dos brancos, seja qual for - explica Celso Aoki - claro, pode haver exceções, mas em geral os índios assistem às missas somente para agradar o pastor. Em troca obtêm algo: um pouco de arroz, o empréstimo de um trator, o apoio psicológico para parar de beber por um tempo. Sem dúvida porém a presença dos pentecostais e das missões tradicionais contribuem para a desestruturação da cultura tradicional dos kaiowa". E uma análise com que concorda Veronice Rosato, do Cimi de Dourados: "O problema maior - diz - são as crianças que desde pequenas sofrem a influência dos missionários. Crescem e não acreditam mais em seu deus, não respeitam mais a autoridade dos pajés".

Mas porque dezenas de kaiowa decidiram morrer? A falta de terra e a presença das igrejas dos brancos não parecem ser as únicas causas. Em Pirakuá, trezentos kaiowa vivem numa área de 2350 hectares de floresta ainda intocada, onde não há missões religiosas; no entanto, somente em 1990, três adolescentes se enforcaram. Em Fanabizinho porém, uma minúscula aldeia de 60 hectares isolada em meio às plantações de soja, onde a última árvore foi abatida há alguns anos, não ocorreu nenhum suicídio. "ninguém sabe o que provocou a onda de suicídios entre os kaiowa - admite Rubem Thomaz Almeida - mas está claro que o problema é o *teko*. É uma palavra que sintetiza o modo tradicional,

verdadeiro e justo, de ser guarani. Segundo o *teko*, um kaiowa é religioso, não briga, cuida de sua família, cultiva sua terra, não deixa sua aldeia. Quando a terra já não basta, é preciso ir a uma destilaria para a *changa*, abandona-se a religião tradicional, então rompe-se o equilíbrio. O suicídio faz parte do *teko*. E como dizer: se não posso viver como um verdadeiro guarani, prefiro morrer como um guarani. Uma escolha precisa - acrescenta Almeida - que explica a média de idade extremamente baixa, 16-17 anos, da grande maioria dos suicídios. E a idade em que o contraste é mais forte, em que os jovens devem inconscientemente decidir entre ser kaiowa ou tentar se transformar em branco. Para muitos deles, matar-se é a única solução possível para uma contradição sem saída".

GIANCARLO SUMMA

OUT. 91